



**PATRIMONIALISMO VENEZUELANO: A DITADURA  
DE JUAN VICENTE GÓMEZ SEGUNDO GARCÍA MÁRQUEZ  
EM “O OUTONO DO PATRIARCA”<sup>1</sup>**

**Marco A. Barroso**

Graduado em Filosofia pela UFJF

Aluno do curso de especialização em Ciência da Religião – UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – UFJF

[marcoabarroso@yahoo.com.br](mailto:marcoabarroso@yahoo.com.br)

Antes de analisarmos a obra de García Márquez e o que ela tem a nos dizer sobre o patrimonialismo venezuelano de Juan Vicente Gómez - como sugere o título - o que é nossa proposta para este encontro, gostaríamos de fazer uma pequena introdução, explicando como uma obra literária pode ser de fundamental importância para se conhecer *o espírito de um povo*, ou sua *morada vital*. Só com este conhecimento poderemos começar a trilhar novos caminhos para nossas nações.

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no **VII Colóquio Antero de Quental**, realizado nos dias 11 a 16 de setembro/2006 na UFSJ, São João del Rei.

Afirma o pensador espanhol Ortega y Gasset, que o espírito de um povo se expressa por sua literatura e que, conseqüentemente, os porta-vozes deste espírito seriam os literatos. Encontramos em Gasset um homem preocupado com a cultura. Mas por que tal preocupação? Talvez possamos encontrar resposta a esta indagação em uma outra pergunta: “O que é a Espanha? A Espanha não é uma linha geográfica que a define(...). Mas o que é a Espanha ? A Espanha é a rigor uma obra...”<sup>31</sup> (MACEDO, 1991: 57).

Vemos nesta resposta, *a Espanha é uma obra(...)*, a crença, de Ortega, que o espírito de um povo se expressa por sua literatura e que, conseqüentemente, os porta-vozes deste espírito seriam os literatos. Percebemos, ainda com Ubiratan de Macedo, o esforço hercúleo de Gasset em modernizar a Espanha e tira-la de um atraso que fora diagnosticado como *ausência de ciência* e para que houvesse ciência seria necessário; “um clima e este clima estaria ligado a vigência e ao exercício da filosofia,(...) não apenas por profissionais”(MACEDO, 1991: 57) mas por um público que possa ler e entender filosofia. Afirma Ortega y Gasset: “Como el político, es el escritor consutacialmente honbre público. No cabe ignoralo. Por outra parte, su acción es puramente virtual; no puede esperarse de ella ningún beneficio terreno”. (ORTEGA y GASSET).

E mais adiante

“las condiciones juntas dan un valor muy puro y característico a la reaccion que en una o otra sociedad sucite el gremio literario. (ORTEGA y GASSET).

Nas passagens acima citadas, Ortega nos lembra que escritores são homens públicos e de influência, como políticos, mas que este poder de influenciar é virtual e variável entre as sociedades. O poder do literato está ligado à capacidade de um povo criar e adquirir cultura, e é isto que Gasset tentará demonstrar nas próximas passagens. Vejamos:

<sup>31</sup> Macedo, Ubiratan de- A reabsorção da circunstância em Ortega y Gasset in: anais do 2º encontro nacional de professores e pesquisadores de filosofia brasileira. Londrina, 1991 II vol. Pág.57.

“Em Francia tiene el escritor um poder social fabuloso. Relativamente, mayor, mucho mayor que el político(...)el ortogamento de poder social al escritor no se origina em imposición ni necesidad ninguna; es una generosa reacion de la sociedad” (Ortega y Gasset sd: 128-29).

Ortega coloca comparativamente a sociedade francesa, com seus escritores respeitados e admirados para exprimir, a nosso ver, sua tese de que o espírito de um povo se expressa por sua literatura. Vejamos, pois, a sociedade francesa produz grandes escritores que são mais respeitados que os políticos, isto porque as obras destes escritores refletem a estruturação de uma totalidade coesa chamada sociedade francesa, segundo o autor espanhol.

Ao encerrarmos esta pequena introdução gostaríamos de, usando uma pequena passagem citada pelo pensador espanhol que diz que “*sua obra é por essência presença, circunstancial*<sup>32</sup>”, lembrar as circunstâncias em que este estudo foi escrito, ou seja, sob a ótica de um brasileiro do início do século XXI, baseado em uma obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez sobre o patrimonialismo latino-americano.

### **Juan Vicente Gómez o “ Patriarca” venezuelano**

Maior de todos os ditadores venezuelanos dirigiu, direta ou indiretamente, durante 27 anos, até dezembro de 1935, data de sua morte, este país. Durante aquele período longo governou como ditador absoluto a Venezuela. O governo dele é considerado o mais duro e trágico que aquela nação sofreu em toda sua história.

Igual a outros caudilhos, Gómez fez várias vezes reformas constitucionais para alongar seu período de governo e permitir a reeleição. De 1908 o Congresso o nomeou Presidente Provisório; e então, sucessivamente, Presidente Constitucional

---

<sup>32</sup> Citado em: Francisco Olmedo Llorente. *Ortega y Gasset y Miguel Reale: Obras Comparables*, in: anais do 2º encontro nacional de professores e pesquisadores de filosofia brasileira. Londrina, 1991 II vol. pg. 44.

para os períodos 1910-1915; 1915-1922; 1922-1929, e 1929-1936. Para este último período ele fingiu não aceitar a nomeação e recomendou o Dr. João Batista Perez para quem o Congresso nomeou imediatamente. Mas em 1931, Gómez o fez renunciar a presidência e ele próprio se encarregou do cargo até a data de sua morte.

Durante o governo seus governos ele várias vezes se separou da Presidência; todavia mantendo a posição de Comandante e Chefe do Exército. De agosto de 1913 a janeiro de 1914.

No governo de Gómez o nepotismo, a ganância e o enriquecimento do ditador e de seus parentes chegaram a extremos nunca vistos na história nacional da venezuelana. Irmãos, filhos e outros parentes ocuparam posições altas no governo. Gómez superou os caudilhos que o precederam em angariar vantagens com a tomada do poder para próprio enriquecimento. Era o proprietário-mor territorial: suas terras se estendiam em centenas de milhares de hectares. Ele se transformou no principal provedor de carne do país inteiro; possuía mais que 60% do gado venezuelano; o jogo foi legalizado e se tornou um monopólio familiar de Gómez; também monopolizou a navegação fluvial e litoral; a eletricidade em várias cidades; engenhos de açúcar, propriedades rurais de café e cacau; indústrias pequenas de panos, sabões, cigarros, velas, copo, óleos, hotéis, etc. Quando morreu em 1935 seus bens no país e os depósitos em bancos estrangeiros alcançavam várias centenas de milhões de bolívares.

### **O Patrimonialismo e o Outono do Patriarca.**

O *Outono do Patriarca* (*El otoño del patriarca*) é uma obra que se desenvolve em seis partes, que aparentemente se repetem, mas que desenrolam

novos fatos descritivos a cada passo. É escrita sem parágrafos, diálogos e com pontuação simples, fazendo uso apenas de pontos finais e vírgulas. Obra em formato cíclico expressa uma realidade universal de forma extremamente experimental e envolvente. O outono do patriarca é um chamado de atenção para o fenômeno das ditaduras patrimonialistas, surgidas principalmente na América-latina.

Já em Thomas Hobbes encontramos uma conceituação muito próxima do que hodiernamente temos como patrimonialismo. Para o filósofo contratualista inglês há duas maneiras de se criar e organizar um estado; por *instituição* ou por *aquisição*. Para o melhor desenvolvimento de nosso tema nos centraremos no estado surgido por aquisição, nele ocorre como:

“quando um homem obriga a seus filhos a submeterem-se, e s submeterem seus próprios filhos, à sua autoridade, na medida em que é capaz de destruí-los, em caso de recusa. Ou como quando um homem sujeita através de guerra seus inimigos à sua vontade, concedendo-lhes a vida com essa condição”(Hobbes, 1974: 110).

E é como *Leviatã* hobbesiano que pela primeira vez aparece na obra de García Márquez o *Patriarca*, descrito pelo narrador que sem citar seu nome diz que:

“lá nós vimos a ele, com o uniforme de tela sem distintivos, as botas, a espora de ouro no tornozelo esquerdo, mais velho que todos os homens e todos os animais velhos da terra e da água, lançado ao chão, boquiaberto, com o braço direito dobrado debaixo da cabeça de forma que isto o servisse de almofada, como havia dormido noite após noite durante todas as noites de sua longuíssima vida de déspota solitário” (García Márquez, 2003: 10).

Um pouco mais adiante na narrativa do mesmo capítulo, página 15, encontramos as seguintes palavras que vêm complementar a citação já feita, o

patriarca então:

“... não sabia nem ler nem escrever, mas quando o deixaram só outra vez com sua pátria e seu poder não voltou a envenenar seu sangue com a condeuma da escrita, mas governava pessoalmente e de corpo presente a toda hora e em todo o partes com uma parcimônia rupestre mas também com uma diligência inconcebível a sua idade(...), arrastando por toda casa suas enormes patas de elefante na neve, todavia resolvia problemas de Estado e assuntos domésticos com a mesma simplicidade de quem ordenava; que me tirem esta porta daqui e ponham lá...” (García Márquez, 2003: 15).

Em Max Weber, o patrimonialismo é caracterizado como forma de dominação tradicional em que o soberano organiza o poder político análogo ao poder exercido em seu domicílio, cuida das coisas do estado como quem cuida da arrumação de sua casa.

“A expressão mais extremada do patrimonialismo é, para Weber, a patriarcal, que é caracterizada como pré-burocrática”. Nela a autoridade se baseia “na submissão ao *pater-familias* em virtude de uma devoção rigorosamente pessoal. A expressão original do patriarcalismo é a autoridade paterna no seio da comunidade doméstica. O patrimonialismo é uma extensão dessa autoridade tradicional para além das fronteiras do lar, conservando os traços domésticos de uma administração não racional...” (Vélez Rodríguez, 2006: 13).

“Assim governava o Patriarca, como se soubera destinado a não morrer jamais, seu palácio de governo se parecia mais com uma feira do que com uma repartição administrativa, vendedores descalços descarregam burros abarrotados de hortaliças e brigam por um espaço entre as fezes de galinha, que saltam por cima de comadres com seu afilhados famintos que dormem abarrotados nas escadarias a espera de um milagre da caridade oficial”(García Márquez,2003: 13).

A descrição do narrador nos permite identificar algumas das fundamentais características do patrimonialismo, constantes da obra: a primeira que podemos

observar é o imediatismo, própria do patrimonialismo populista que deseja demonstrar resultados imediatos de curto prazo que lhe garanta “apoio popular” colocando o estado como benfeitor dos miseráveis, “a fim de controlar qualquer surto de dignidade(...) a dominação patrimonial manipula as maçãs protegidas mediante o paternalismo de Estado, ensejando assim o ideal de ‘pai do povo’” (Vélez Rodríguez, 2006: 14). Outra das características aqui presente é o autoritarismo e a centralização do poder, de forma irracional, onde não há preparação de novos quadros administrativos capazes de gerenciar o Estado de forma equilibrada e livre, pois que, o patriarca governa como se fosse eterno, é o que Weber, conforme citado no livro *Patrimonialismo e a realidade latino-americana* do professor Ricardo Vélez Rodríguez, denomina de “caráter centrípeto do patrimonialismo, ou seja, que conduz a por em prática medidas tendentes à concentração e perpetuação do poder unipessoal do governante”. (Vélez Rodríguez, 2006: 14). O que podemos flagrar no seguinte trecho: “assediado por multidões de leprosos, cegos e paralíticos que suplicavam de suas mãos o sal da saúde, e políticos de letras e aduladores impávidos que o proclamavam como aquele que corrigia os erros de Deus, como os terremotos os eclipses, os anos bissextos etc.” (García Márquez, 2003: 15).

Ainda encontramos no mesmo capítulo, em trecho anterior da narração que, por entre os corredores do palácio presidencial:

“havam concubinas deslinguadas que trocavam as flores adormecidas por flores novas nos vasos enquanto cantavam canções de ilusórios amores, escândalos de funcionários vitalícios que encontravam os ovos colocados pelas galináceas que se empoleiravam em suas gavetas de escritório, tráfico de putas e soldados nos banheiros(...). Porque ninguém sabia quem era quem nem da parte de quem naquele palácio de portas abertas em cuja descomunal desordem era impossível estabelecer onde estava o governo. O homem da casa não só participava daquele desastre de feira, senão que o promovia e comandava” (García Márquez, 2003: 13).

Para realizar o que Weber denomina de “dominação estamental” o poder patrimonialista necessita também de um quadro administrativo pelo intermédio do qual realiza sua autocracia, este quadro é formado por subalternos “fieis” ao governante, eles recebem, ou conservam, estes poderes de mando e vantagens econômicas advindas destes poderes, com permissão do soberano.

Assim fora com Patrício Aragonés e Rodrigo Aguilar, o primeiro um sócia perfeito do Patriarca, que se tornou seu general:

“e homem essencial do poder, o mais amado e o mais temido que dominava as forças armadas jogando oficiais contra oficiais fazendo-os crer estarem vigiados uns pelos outros, para enfraquecer seu poderes, pois que lhes era inimigo mortal. Dotava os quartéis de cartuchos de festim e pólvora com areia de praia, mas mantinha no palácio presidencial, ao alcance das mão, um depósito com a artilharia verdadeira. [García Márquez, 2003: 20-21].

E com Rodrigo Aguilar

“artilheiro da academia, era seu ministro da defesa e comandante da guarda presidencial, diretor dos serviços de segurança do estado e um dos poucos autorizados a ganhar do Patriarca uma partida de dominó, pois perdeu o braço direito desarmando uma mina terrestre minutos antes de a limusine presidencial passar por cima dela”[García Márquez, 2003: 20-21].

### **Conclusão**

O que objetivamos com este estudo foi tentar captar e demonstrar alguns dos traços fundamentais do patrimonialismo ibero-americano, presentes na obra literária *O Outono do Patriarca*, realizando anteriormente um ancoramento na realidade vivencial do contexto venezuelano da ditadura de Juan Vicente Gómez, dos quais podemos elencar os seguintes fatores: 1) estado mais forte que a sociedade, não constituindo propriamente uma instância pública; 2) confusão entre o público e o privado, privatização em benefício do governante e de seu quadro administrativo; 3) extensão dos “benefícios sociais” somente ao clã parental ou

administrativo, ou clientelismo; 4) estado como fonte de enriquecimento para o clã, parental ou político, dominante e quadro administrativo<sup>33</sup>; 5) patrulhamento ideológico, policiamento político ensejando banimento das dissidências, promovido pelo autoritarismo das ditaduras presidenciais, entre outras que surgem da corrupção da noção de estado como esfera do público que gerencia o bem comum.

**Bibliografia:**

MÁRQUEZ, Gabriel García. O outono do Patriarca. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. Bolívia: um pueblo em busca de su identidad. La Paz: Los Amigos del Libro, 1988.

HOBBS, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de J. P. Monteiro e M. B. Nizza da Silva). 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

ORTEGA Y GASSET, José. España Invertebrada. Madrid: Alianza Editorial, s. d.

MACEDO, Ubiratan de. A reabsorção da circunstância em Ortega y Gasset in: anais do 2º encontro nacional de professores e pesquisadores de filosofia brasileira. Londrina, 1991 II vol.

VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. Patrimonialismo e a Realidade latino-americana. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006.

Fundación Polar (1997). Diccionario de Historia de Venezuela. Caracas. Venezuela.

Gran Enciclopedia de Venezuela. Caracas: Editorial Globe, 1998

---

<sup>33</sup> Ricardo Vélez Rodríguez sugere que “à sociedade só competiria encostar-se nele (estado), para enriquecer às suas custas com o lucro subsidiado ao empresários, reserva de mercado, empreguismo estatal etc.”. (Vélez Rodríguez, 71; 2006).